



O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO. CARICATURIST **SILVA E SOUZA**

ANNO 2º

DIRECTOR E PROPRIETARIO
ESTEVÃO DE CARVALHO
DIRETOR DE REDACÇÃO
JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO
LITH SALLES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
T. DA ESPERANÇA, 53
LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO..... 6000 REIS
SIX MESES..... 3000
TRES MESES..... 2000
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS. PREÇO CONVENIENCIAL.

1910 N.º 97

TERÇA-FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 1910

OS 3 REIS MAGOS



Rei da ronha e intrujice
Rei da burla e palmação,
Tem filé e tem gajice
E' o rei mais tunantão.

Rei do vinho carrascão
Eis o Mattos sem rival
O chefe da Reacção
Rei de todo o... Portugal.

Rei da pose, rei pedante
E' dos tres, o diplomata,
Que anda doidó, anda offegante
De uma noiva sempre á cata.

Nova sede de "O Xuão,"

A redacção e administração do nosso semanario, encontram-se installadas na sua nova sede, T. da Espera, 53, 1.º Esq. para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

CHRONICA

?

Vae-te, ó execravel 1909, em cujos 12 mezes, do primeiro ao ultimo, nós sentimos unicamente a prepotencia da imbecilidade politica, personificada no sr. José Luciano e sua côrte! Vae-te! E que o teu successor, que ora saúdo, assista ao despontar de melhores dias para este miseravel paiz.

Os seculos—disse-o Benoit Malon—ou começam ou acabam por grandes cataclysmos sociaes. Pois venha o nosso cataclysmo social! Ha 10 annos que anciosamente, d'olhos fitos no 1.º de janeiro, nós prescrutamos o ventre nupterioso do Porvir... e nada!

O anno morto foi uma nodoa mais na nossa historia. Alvoreceu com José Luciano, o cachetico, e morreu com José Luciano, o cachetico. Entre estes dois arcos do mesmo vergonhoso parenthesis, passa um nevoeiro tenue constellado d'oiro marcial. E' D. Manuel, é o symbolo, é coisa nenhuma—520 contos a sustentar uma anemia.

Que nos dêste de bom, ó 1909? Como o teu antepassado 1809, em que o paiz era o escarneo da Europa, do teu ventre só saiu podridão e crime Tu assististe ao 2 d'agosto, ao Campos Henriques, ao Sebastião Telles, ao Wenceslau de Lima, encarnações da mesma individualidade—Luciano. Tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro. Tu contempstaste o tratado luso transvaliano, os artigos do *Liberal*, as tranquibernias com a Alemanha, a renuncia de Vilhena... que sei eu! E, no campo da Natureza, que fallem o Ribatejo e o Douro. Não! Tu não foste um anno! Tu foste um bandido!

O homem é sempre levado a ter esperança. Apesar de todos os revezes da sorte, espera... o quê? Tempos melhores!

Que seria de nós, senão fosse a esperança? Eu espero, por conseguinte, de ti, ó 1910, que venhas trazer alguma coisa d'util á Patria.

Sê bom, sê generoso, sê fecundo em acontecimentos que nos libertem!

Porque não ha de proclamar-se a Republica n'um dos teus 365 dias? Porque não ha de recolher-se á Anadia o sr. José Luciano, para a companhia dos seus preciosos vinhos? Porque não ha de o sr. D. Manuel ir para Inglaterra, definitivamente,

noivar com a princeza Patricia? Porque não ha de acabar-se de vez com a nojenta hesitação do sr. Alpoim e com a prosa espirra-canivetes do sr. Alexandre d'Albuquerque?

Porquê? Se não fizeres nada d'isso, escusas de vir. Que o Padre Eterno nos mande a segunda edição do dilluvio, encadernada em cavallo marinho e com exemplares numerados. Para vergonha, basta!

E. DE C.



Os dois desamparados

DESABAFO

Ai Zé, que dura é e lastimavel
A nossa desgraçada situação.
Não há quem a supporte!
A vida nossa é triste, miseravel!
Sofremos a mais forte decepção!
Nós temos pouca Sorte.

O «bloco»! P'ra que foi tal fantochada?
Comeram nos! Cahimos que nem patos.
Poi obra Bacoqueira.
Pregou-nos uma peça bem pregada.
Sentimos inda os bicos dos sapatos
Mordendo-no na trazeira!

E fômos nós ufanos e dengosos
Ao chamo do *menino*, sem demora,
(Por ordem do Bacôco.)
Promessas fez, discursos palavrosos,
Mas, dar-nos o penacho, isso agora...
Que esperassemos um pouco.

Que dizes tu, Zézinho, protestamos?
Mas, se ninguem nos liga já nenhuma;
Já somos conhecidos.
Mas foi tão grande o golpe que apanhamos!
Depois de ter soffrido tanto... em summa
Nós somos uns vencidos!

Mas, olha, cá fingimos-nos *vermelhos*;
Mettemos um cagaço á Bacoçada;
A' *choldra* imbecil;
A varios Sacre-Côers e fedelhos
Que se esmeraram n'esta emboscada
Com manha e ardill!

Não pega tal ideia pouco franca.
Tu sales, fui *vermelho* apregoado
Por simples desafogo,
Mas tive que fugir p'ra Salamanca
E agora tenho sido escorraçado...
Descobriram o jogo.

Então, direi: Ad-us penacho querido
Que nunca á minha mão poderás vir.
Assim o quer o rei.
Tu és p'ra mim bem caro e estremecido
Sem esp'rança mesmo de te possuir
Jámais te esquecerei.

A farda qu'rida que afaguei, risonho
Por triste alivio hei-de contemplar
Com magoa dolorida.
E tu ó Presidencia; lédo sonho,
Que a mente me vies-te torturar
Fugiste me; fingidal

Mas, a vingança, sim será cruel
Nascida do Amor e da paixão
Que sinto devorar-me.
E's tu ó Monarchia quem m'impelle
Por essa refalsada ingratição
De ti divorciar-me.

Recordo os beijos que dei, ardentes;
Por ti sacrifiquei me com desvello
Sem nunca ser ingrato.
Mas, já que tu por mim, amor não sentes,
Toma; ahí tens a trança do cabelo
A fita e o retrato!

E agora, adeus ingrata Monarchia;
Irei na morte procurar consolo
Envolto no misterio.
Pensei que me notasses *sympathia*
Mas, vejo que, sómente fui um tolo
Em te tomar a serio!

STYL

«A Farça»

E' este o nome d'uma revista humoristica illustrada, cujo primeiro numero sahiu no dia 20 de dezembro em Coimbra, e de que é director litterario o sr. Veiga Simões, moço escriptor com muito talento e algum dinheiro para o tornar pratico. A parte artistica está confiada ao sr. Luiz Philippe, um dos futuros grandes nomes da caricatura nacional, a julgar pelos desenhos cheios de espirito e de personalismo que nos apresenta.

A *Farça* é uma das melhores tentativas que, no seu genero, temos visto em Portugal. Além do lapis do seu director artistico, de João de Grilo e José Meyra, terá a collaboração de Manuel Gustavo e a prosa de João Chagas, Alfredo de Mesquita, Camara Lima e do laureado Antonio de Monforte, nome romantico debaixo do qual brilha a singular intelligencia d'um joven que se affirma—Ant nio Gardinha.

A' *Farça* muitas prosperidades, a bem da Arte!



TYPORIOS

¶ Ferreira «Maçavenco» do Amaral

Tens fama de invencivel comilão;
Que almoças tres quintaes de bacalhan;
Que é pouco para beberes, todo o cacau;
Que em sopas comes bem dez kilos de pão!

Por bilões se conta o camarão
Que em salmolletes papas, meu marau!...
Se tens prato ao jantar de carapu
Menos não comes fritos d'um milhão.

Não sei s'isto é verdade ou será lenda.
O que porem ninguem pôde afirmar
E' que sendo elle tão grande paparrão

Quando ministro, entrasse, p'la Fazenda;
Fosse lá para encher-se, para roubar,
Como tem feito muito figurão!

PICHIRINÉE.



Parabens

O nosso presado collega *Diario de Noticias* passou, na quarta feira ultima o 45.º anno da publicação, dando-nos um numero de 20 paginas d'*impenka*, abundantissimo de annuncios. Um jornalão!

Que faça os 60 com muitas prosperidades e muitos parabens!



Gratiffquem-no!

No norte foi preso um homem porque alcunhou o D. Manuel de **Rei Tumba!**

Esse popular merecia simplesmente uma gratificação porque descobriu o cognome melhor apropriado á *moicidade radiosa!*
Rei Tumba!!!... e bem tumba!

*

Queriam cognominal-o
Andavam bumba que bumba
Vem um portuguez d'estallo
E záz chama-lhe *Rei Tumba!*

Animatographo... vivo

Cá estamos no 1910.
O 1910 pode classificar-se de um anno doído e mau, mais *tumba* que o *radioso* pimpolho!

Tremores de terra, inundações, desastres, fome, etc., etc.

Alem d'isso uma falta de juizo extraordinaria!

A Divina Providencia não quer saber de desgraças e a sua irmã a Humana anda tão occupada na politiquice reles que mal uma catastrophe succede ve-se que tratou de tudo menos de ser... previdente.

Em Lisboa tem faltado a carne, os legumes estão carissimos e a vida já difficilissima torna-se duplamente difficil.

Tudo isto porque os governos não pensam senão em politica e não estão preparados para qualquer desastre que succeda.

Santa gente!
O' 1910 vê se endireitas isto!

Faz-te fino, faz-te ousado
O' novecentos e dez!
Quando findar o teu reinado
Deixa o regimen voltado
Da cabeça para os pés!

*

Ha dias houve uma violenta explosão de az na rua de S. Julião)

Pois a astuta policia desandou a prender gente classificando o caso de «bombas»!

Os jornaes reaccionarios tomaram o freio nos dentes e desembestaram aos coices zurrando o mesmo.
E' pyramidal!

Fazem tolices em barda
Os diversos *Zés Quítoles*,
Quer usem batina ou farda,
.....
E o dr. Miguel Bombarda
A esperal-os em Rilhafolles!

*

Os regeneradores honriquistas, segundo diz o *Mundo*, vão chamar-se... «regeneradores conservadores.»

Realmente o sr. Campos Henriques e o seu grupelho só de *conserva* é que ficam bem.

Conserva à portugueza com pimentos e irinhas de cenouras.

Não tardam as iscas com ellas e sem ellas!

P'ra mostrarem suas côres,
Deixam a antiga reserva:
São regeneradores
De *conserva*!

*

Dizem que uns ricos *meninos* da *liga azul* pensaram ou pensam em offerecer um baile ao *rei tumba*.

Desistiram ao que parece.

Affirma-se que a *bruxa* da Arruda prophetizou que abatia a sala ou desabava o tecto.

Tumbice em tudo.

Bem se diz frequentemente
Por ser já verdade eterna:
—Se a *caipora* dá na gente
Cachorro *morde* na perna!

*

Para o nosso original concurso de uma quadra que contenha em si apenas *quatro aa* e *oito rr* nem mais nem menos recebemos as seguintes produções:

Do *ZÉ ILHEU*:

Certo *typo* mui bregeiro
Que era muito reinado,
Embrulhou se n'um capote
E foi, n'um giro, ao Rocfo.

Do *GUMBRINHAS*:

Concurso duro e dos féros
Mil tombas me deu na veia;
Rijo miolo tenho é certo,
Rimo bem com forte *areia*.

Do *D. SELIDON*:

Tem-me feito endoiçoer
Certo concurso judeu.
Arre, irra! Vão-se... *coser*!
E toma que te dou eu!

Continua aberto o concurso.
Ahi valentes *cpadas*:
Matal-o!

ORLANDO.



A' THESOURA

Ninguem se consagra ás obras de misericordia, senão tiver um profundo sentim ento relijioso, pelo qual se considerem todos os homens como irmãos, caminhando todos para o mesmo destino, como identica foi a origem Salutar exemplo deu El-Rei. Sigam-no todos, façam-se todos reis, auferindo 520 contos annuaes, e os grandes infurtunios serão sarados. De resto o paiz só poderá gosar tranquillidade e fortuna, quando os rios fôrem cheios d'agua benta e as pedras dos montes fôrem contas d'um immenso rosario

Conde de Samodães



Rei Tumbal

Mas é simplesmente soberba a cognominação!

Acerta-lhe como... *barrete* em... *cabeça* de clérigo!



Mote

Vou fazer uma promessa,
Ao Senhor dos Navegantes!

GLOSA

Para que isto vá depressa.
E sem tempo já não é! —
(cheio de crença e de fé
Vou fazer uma promessa...
Não ha um Sol que me aqueça
Ao vêr tudo como d'antes,
Governado por farçantes,
Safardanas e pangaios,
Que só servem de laçaios
Ao *Senhor dos Navegantes!!!*

TOSQUIADOR.



Reparem

Basta só olhar-lhe para a cara para todos reconhecerem que *Ele* tem cara de *tumba*!
Mas *tumba* d'alto lá com o serviço.

“Os Lusíadas”... para rir

XXXIX

«Que se aqui a razão eu não mostrasse
Sem medo nem temor demasiado,
Talvez que o borrachão me suplantasse,
Poís que elle inda é peor que um cão danado,

Mas sua mã tenção agora passe,
Porque a culpa é do vinho desalmado,
E o Mattos se anda agora cheio de inveja
E' por não ter Delmirinhas lá na igreja.

XL

E tu, Padre, que a grande fortaleza
Ali dos Navegantes tens tomada,
Não voltes para traz, pois é fraqueza
E vae antes na frente... á desfilada.
O *Arreda* que avantaja em ligeireza
A melhor *Voiturette* mais fallada
Lhe vá mostrar o cofre e que se informe,
Se com tanta massinha está conforme.

XLI

Como isto disse, o Zé Rata Gottoso
A perna meneando consentiu
No que disse Pimentel, o *Todo-aíroso*
E com manha p'ra todos se sorriu.
Desceram do palacio faustoso
E cada um dos tipos se partiu,
Fazendo seus cortezes cumprimentos,
A' laia de quem faz adeantamentos.

REI LUSO & VIU-SE GREGO.



DOS SALOIOS

Sôr redaitor:

Munto estimarê ca ao arreceber esta is-teja ben estefêto e gozando de uma boa saude do interior de dentro dos seus intestinos a mal toda a familia.

Doule parte ca minha cachopa já cá istã na istalage e zaindas por riba está isconfiada candas gravada.

Vêja lá vomocê ca boas entradas d'este ca provezinha, apanhou!
Mal do mal, o menos.

Agoras é i cá tenho andados assim a modos muito ruin com dôres nos ossos das pernas da parte da dentro, mal nan é cousa de monta. Diz o istalajadêro ca isto foi da molha ca ê apanhê e ca ven a ser arrôsmathico mas ca sa cura com esfregações de oipo do lidôque

A minha cachopa ten me istado a zoinar a cabeça pra ê le dar lecença da ella le ofertar uma perua ca é agarrê no Largo de San Domingos; mal é nan consinti pro ca é munto enfezada e o sôr redaitor ten vantagem de as apanhar maiores, ofertadas pelo sôr Orilando amal o Pichirinê e o Rei Luzio, por isso é pra fazer má figura vale mais nan dar nada.

Lá fui no Domingo vêr as aberturas das cortes e para a semana le darê as minhas impressões.

Agoira consinta ca ê le avente as boas entradas d'este a vomocê a mal a toda a familia e un anno gustozo aos collegas da redaição.

Acite sen contumelias muitas aquellas minhas e mal da cachopa e festas felizes ca la deseja o sê amigo

Manel Céguinto

Oliveirinha da Ronha, 2-1-910.



De palanque

Os *marechaes* regeneradores, voltam a andar doidos atraz do osso do penacho!

Rosnam á valentona e ainda se mordem...
Verão!

NARIS PRODIGIOSO



Emquanto toca na safada viola da governação, vae tambem fazendo equilibrios com a penca.

OITO DIAS DE GALHOFA

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a retirar esta secção e muito mais original.

Por tudo mil desculpas aos nossos pacientes leitores.



ARRANHANDO...

V

Finalmente chegou o decantado ministerio Narigueta; *Mais vale tarde...*

—Para dar um quinau no blôco vê-se como todas as difficuldades se aplanaram; quer-nos parecer que se lhes não perisasse e muito a pança, não viriam logo tantos irmãos á festa, certinhos á hora dada pelos Navegantes que foi mesmo um louvar a Deus.

Salve-se o convento...

—Depois da Marinha temos o sr. Moreirinha na barquinha das Obras Publicas, como um catitinha.

Só nos falta vêr um musico na Justica e um sapateiro nos estrangeiros.

E havemos de vêr...

—Por acaso ouvimos hontem falar no sr. Wenceslau, no sr. Medeiros, no Bispo de Beja, nos padres Ancôs, no Azarento, etc.

Mas foi ao Tlim...

—Afinal não fazem a lapide para a gente se fartar de rir?

Marotos...

—São todos muito valentes, não teem medo do blôco, teem maioria, são appoiados pelos *henriquistas*, viraram o paço todo para os Navegantes e para a sr.^a Ministra e vão adiar as côrtes. Mas onde diabo lhes dôe?

—Só para março sahirá dos seus aposentos o illustre *pau de bater bifes*.

E é se sahir...

—Parece pensar se em dissolver as côrtes após o addiamento.

Continua a pouca vergonha de arranjar camaras á vontade dos ministerios em vez de ministerios á vontade das camaras?

—Sobre o regicidio vão ser ouvidas as seguintes testemunhas:

I—O varino do Buica.

II—As balas encontradas.

III—As arcadas do Terreiro do Paço.

IV—Os kiosques do dito.

V—O trem real.

VI—O sr. Conde de Arnoso.

RAMSÉS XXX.



Como é azar!

Agora é que o *D. Manel* nunca mais casa. E d'ahi, se calhar casa! E' mais um azar e elle é Tumba!

Casa, casa! Agora é que nos lembra a *tumbice*... Casa!

IMPOSSIVEIS

—O *Xuão* deixar de chamar *matriculada* á Conceição.

—Acabar o julgamento do processo Leandro.

—O reporter Gouveia deixar os olhos escuros.

—O *Chico Redondo* deixar de estar na Brasileira.

—Saber-se quantas são as pessoas de familia do Maluco Mór.

—O *Ralmeida* escrever para o *Xuão*.

—Saber-se onde pára a decantada e mysteriosa peça *De Portugal á India*, original do sr. Visconde Monte-São.

—Deixar-se de annunciar todos os dias o apparecimento de mil jornaes litterarios, theatraes e de caricaturas.

—Erigir-se o monumento ao Marquez de Pombal.

—O Tabordinha fundar as Colonias Escolares de Verão.

—Os masmarros que andaram a distribuir o manifesto da Juventude Catholica não serem uns refinadissimos cobardões.

—Apparecer no cabeçalho do *Diario de Noticias* o nome do sr. Alfredo da Cunha, director d'aquella folha.

—Estar regularizado o serviço dos correios.

—O *Sol e Dó* estar afinado.

—Haver parlamento em Portugal.

—Os estudantinhos monarchicos deixarem de pedir feriados, como paga dos vivos.

—O sr. Alpoim ser presidente do conselho.

—Saber-se por enquanto a grande surpresa, que o *Xuão* prepara aos seus leitores.



Muito natural

Grande celeuna por que n'um quartel appareceu um busto do *Rei Tumba* de bigode e pera.

E' naturalissimo e só prova que o auctor da remodelação embirra com os rapadinhos... Gosta mais dos barbudos, sem piada á D. Florinda!



A MEIAS...

III

A minha Musa agora já pinderica Vae fazendo exercicios de gymnastica, Pra vêr se arranja cousa algo bombastica, Que lhe dê nome até na propria America...

Porém é já velhota e muito hysterica, Neurasthenica, moll', quiçá phantastica; Terá o *cinturão* na sua plastica Valor para a tornar um pouco feérica?

ORLANDO.

Se queres que ella tenha fortes musculos Não lhe compres cinturão, massim opusculos Que a tornem sensual, tesa, frenetica,

E se vires, que fica inda rachitica Não lhe falles, meu amigo, na politica, Perque então fica pallida, esquelética!...

REI LUSO.

A festa dos auctores da revista SOL e DÓ

No theatro Avenida realisam hoje a sua festa, os nossos amigos Luiz d'Aquino e Accacio de Paiva, os felizes auctores da engraçada revista *Sol e dó* em pleno successo n' aquel theatro.

O spectaculo compõe se alem da revista, de diversos numeros que unicamente serão apresentados esta noute.

Os amigos dos beneficiados preparam lhe grandes manifestações de sympathya. Vae ser uma noute esplendidamente passada.



Para notar

Já os factos que deram origem a *Elle* ir ao throno foram indicio de muito agoira.

Parece que nasceu a treze!



Os meninos da juventude catholica nunca mais botam prospectos.

Agora fazem outras cousas mas é secretamente.

Não ganharam para o susto da outra vez.



AI FILHO!...

Lá temos no poleiro o D. Beirão A fazer grande troça do Vilhena, Porque o *Bacoco* sem ter dó, nem pena, Agarrou se com força ao *narigão*!

—Ai filho que tu és a salvação! Disse-lhe o *sór Bacoco* em voz amena) Mas terás que arranjar uma *peguena* Que se queira casar co' o rei-nação!

E' p'ra isso que serve a governança D'essa *corja*, que quer encher a pança A' custa do *Zê*, cheio de bondade...

Mas que importa, se está mni breve o dia Pra destruírmos essa monarchia, E implantarmos a nossa *Liberdade*? ! .. *ZÊ ILHEU.*



Tão novo e já *Rei Tumba*!



Brindes

Da *Chapelaria Araujo* recebemos um elegante calendario, que o seu proprietario, o nosso amigo A. P. Araujo vae distribuir pelos seus freguezes,

E' um bonito brinde que devéras satisfará todos os que tiverem a dita de serem contemplados.

Tambem o ex.^{mo} snr. A. Augusto Brito, com estabelecimento de mercaria na R. das Fontainhas 76 e 76 B, teve a amabilidade de nos offerir um calendario de fino gosto. Aos nossos amigos Araujo e Brito agradecemos a sua gentileza que muito nos captivou.

Alfôbre dos poetas

Contrição

Amei-te, sim. . . Que lucro em occultal-o,
Se tal, infelizmente, foi verdade?
Se sinto, n'este peito, a laceral-o,
O espinho tão pungente da saudade?

Amei-te, sim. . . Perdoa, tem piedade!
Deixe-te, ai! mas soffri bem duro abalo;
Que lagrimas chorei! Com que anciedade
Quizera ser, de novo, teu vassallo! . . .

Emfim, tinha de ser; já não ha cura,
Que soffra o coração n'esta amargura,
Inutil será o pranto que derrama. . .

E deixei-te porquê? . . . Nunca t'o disse:
—Por me dizer alguém (Forte parvoice!)
Que costumás fazer chichi na cama. . .

HORACIO JURN.

Graças a Deus!! . . .

*Realizou-s hoje na
Sé Patriarchal, um
«Te-Deum» em acção
de graças pelos bene-
fícios recebidos du-
rante o anno.*

(D'um jornal)

Um *Te-Deum*? Pois seja! O Omnipotente
Merece bem as honras que lhe dão.
Levante se, n'um applauso, toda a gente,
Erga-se, universal, uma ovação.

Do Ribatejo o povo reverente
Deve espremer um grato cantochão.
E o Douro. . . e Traz os-Montes, pela en-
chente
Com que o Eterno lhes roubou o pão.

Um *Te-Deum* é pouco. Venha mais:
Deem fortes descargas marciaes,
Subam foguetes, rompa a symphonia!

Todo o mundo de joelhos agradeça
A bondade de Deus, mas não esqueça
O José do Telhado e companhia.

PAE DA BATOTA.

Chronica Tripeira

Ainda me sinto vibrar de pavor, ao re-
lembrar o doloroso espectáculo da cheia, —
lancinante tragédia que tão rapidamente
se desenvolveu aos olhos de todos nós.
Veiu de surpresa atirar para a miséria
centenas de familias e encher o Porto de
desolação.

E' indisciplinavel a amargura que se pin-
tava em todos os rostos e a Noite de Natal
com os seus descantes tão ingenuamente
caracteristicos, foi para muitos uma noite
de lagrimas e para todos uma ceia de to-
dos os dias, sem as gargalhadas de alegria
e uma gotta de pranto no canto do olho
quando chegam as rabanadas e o vinho
começa a trepar. . .

Os typicos *chocalhos*, ferrinhos e *roncos*,
as caras sujas de rôlha queimada, com bi-
godes enormes e olheiras fundas, tudo isso
desappareceu. . . Depois áquella quadra

*Vimos dar as boas festas
Boas festas vimos dar!*

E como girandola final:

Esta casa cheira a unto!
Aqui mora algum defunto!

Nada! a magna confrangia todos os pei-
tos, humedecia todos os olhos, galava todos
os entusiasmos. E no entanto, quanto *bam-
bino* loiro accordava no dia de Natal ro-
deado de brinquedos caros, — e quanto ra-
pazito infezado, em cima da esmola d'um
molho de palha, não conseguia adormecer,
a tiritar de frio!

Só a pobreza sabe comprehender a des-
graça, porque só os pobres são desgraça-
dos. Para os ricos o Infortunio vem sempre
coberto de sedas e oiro, e um grito de dôr,
chega quasi imperceptivel aos ouvidos dos
que não sabem o que é a Miséria. . .

Tem sempre um lado cómico a Desgraça,
disse Camillo, se me não falha a memoria.
O Porto está ás escuras.

A greve da Carris atirou para estas ruas
os *char-à bancs ripeters* e carruagens de
todas os feitios e epochas, obrigando o
transeunte a suppôr-se com menos vinte
annos, o que infelizmente não succede de
verdad.

Agora a Compauhia do Gaz illuminando
os lampeões da cidade com uns miserimos
candeeiros de petroleo que se apagam após
uma hora de serviço, fez desenterrar dos
archivos aquellas curiosas lanternas dos
nossos avós.

A' meia noite a gente imaginava vêr
surgir da primeira esquina um espadachim
de chapêu de plumas, com a durindana na
mão e um desafio nos labios. Depois vinha
o temor dos ladrões com assustadores arca-
buzes e longas barbas á Padre Eterno, es-
vasiando-nos as algibeiras com a romanti-
ca phrase:

—A bolsa ou a vida!

Quantos Tartarins burguezes sahiram
n'estas noites para a rua armados até aos
dentes e divisando em cada lampeão um
faccinora, em cada grupo de policias que
conversavam para espantar o medo, uma
quadrilha do José do Telhado, e em cada
guarda nocturno cabeceando encostado a
um marco postal, um Romeu convencendo
Julietta a dar ás da Villa Diogo.

Os cafés illuminados a acetylene e velas
de stearina, pareciam aquelles antros com
que os Terrail e os Montépin enchem os
seus romances e os creados trazendo e le-
vando cafeteiras eram outros tantos Ro-
camboles prompts a estrangular o pri-
meiro grito do freguez com um punhal re-
luzente.

—O que é bom acaba! dizia-me hontem
um amator de conquistas por horas mortas
em recantos negros. A escuridão vai ter-
minar e verás que ha de ter um fim triste!

—?

—Um augmento aterrorador da popula-
ção, verás!

RAPHAEL.

Theatradas

Com estas festanças e pagodeiras nós
consequimos descobrir um altissimo pro-
blema geometrico, com perdão do sr. Ca-
breira.

Não foi a quadratura do círculo, mas a
certeza de que a linha recta não é o cami-
nho mais curto entre dois pontos.

O fallecido collega Dias era, como todos
sabem, um bom piadista e em certa occa-
sião n'um baile da Trindade, um rapaz
alegre e já algo entrado nas bebidas, lem-
brou-se de ir *chuchar* com o Dias, que di-
rigia o serviço e fez-lhe esta pergunta:

—O sr. major, (ao tempo era tenente-
coronel, mas era habito antigo baixar-lhe
um posto na classificação), sabe dizer-me
qual é o caminho mais curto entre dois
pontos?

—Sei, sim senhor, e já lh'o digo: — O'
mil e tantos, põe este cavalheiro lá fóra!
Este é que é o caminho mais curto.

Nós, apoz uma ceata alegre, sentimos
uma certa indisposição vinhatica e os pés
inchados. Começamos a descrever curvas e
a sentir uns desejos de nos deitarmos, ex-
traordinarios.

A fazer *ss* em vez de seguirmos dire-
ctos para casa, subiamos o Chlado em linha
curva julgando traçar rectas, quando es-
barramos com um policia, que muito ama-
velmente nos conduziu ao Governo Civil,
onde nos deitamos muito alegremente
n'uma tarimba.

Ora aqui está como o caminho mais cur-
to para a cama foram as linhas curvas.

Por esta razão, é que nós nos temos abs-
tidos de frequentar por estes dias

D. Maria que tem levado á scena
a encantadora peça *As pupilas do sr. rei-
tor*, extrahida do emocionante romance de
Julio Diniz e

D. Amelia que apresentou a peça
O canto do cygne, de Geo Duval e Roux,
traducção de Tito Martins.

Ainda com a cabeça azambuada e a pen-
sar nas competentes custas e sellos fo-
mos á

Trindade vêr mais uma vez a linda
opera comica *Sonho de Valsa*, mas nem a
encantadora musica de Strauss, nem o
bello desempenho nos conseguiu desopilar
o figado, posto de vinhã d'alhos na *borga*
d'estes dias patuscos.

Não nos deu na bolha ir ao

Gymnasio, porque talvez a bella
comedia *A mulher electrica* nos dêsse al-
gum choque salvador, fazendo-nos rir a
bandeiras despregadas, nem ao

Avenida ouvir o *Sol-e-dó*, a excel-
lente revista que cada vez apresenta mais
novidades, com o concurso do Geraldo. O
novo quadro *Politica-de saias* tem agrada-
do em cheio.

Mas como temos no dia 5 a *première* da
revista *Sol e Sombra* no

Principe Real, que nos dizem es-
tar posta em scena com desusado luxo, lá
estaremos cahidos.

No entretanto vamos indo á

Rua dos Condes onde o *Fado e*
Macive tem feito successo, havendo sem-
pre novidades e compias novas e ao

Colyseu dos Recreios onde
continua a lucta á valentona entre os mais
denodados canapeões. Brevemente estreia
de grandes novidades, que o nosso amigo
Commendador Santos contractou.

Até á primeira vez, juramos pelas santas
do nossa devoção, nós que somos herejes,
que não tornaremos a fazer pandega!

Passaremos a noite no

Salão Foz onde está a concertista
Remedio Sanchis, a coupletista Sagrario
Castro e pas *Rosales* ou no

Salão Rocio onde a petizada faz
hilariantes cançonetas, duettos e tercettos
ou ainda no

Salão Phantastico que apre-
senta sempre novidades.

Como ha salões com fartura, não falta
onde passar as noites sem concurso do *bricol*
e a todos iremos, menos a um certo salão
que ha lá para os lados do Intendente, on-
de a delicadeza corre paraelhas com a bel-
leza do espectáculo. A irmos para esse sitio
entraremos no

Paraiso de Lisboa onde sobe á
scena a revista *A toque de caixa*, que mo-
dificada como está tem agrado. . . soffri-
velmente

Brevemente *O prato do dia*, nova revista
que o John vai pôr em scena com o
maior esmero. Desejamos que seja mais fel-
iz com esta.

E assim regenerados e tornados o exem-
plo dos rapazes, esperamos que o leitor
continue dispensando a sua sympathia ao

SECRETARIO.

MEMORANDUM UTIL

Magalhães Peixoto—Instituto Conta-
bilista Cursos de escripturação com-
mercial. R. de S. Julião, 162, 3.º.

Conservaria Pomona—Doces, pud-
dings, conservas e fructas crystalisadas.
R. da Prata, 111 e 113, esquina da tra-
vessa de S. Nicolau.

Restaurant Chuva—Almoços, janta-
res e ceias a preços modicos Serviço
por lista. R. S. Julião, 31 a 67.

Typ. Antunes — De A. M. Antunes.
Calçada da Gloria, 6 a 10.
Impressões rapidas simples e de luxo.
Trabalhos typographicos em os todos
generos.

Lytographia Salles

Trabalhos lytographicos em todos os
generos. Especialidade em chromos.

R, Serpa Pinto, 8.

Dr. Lomelino de Freitas — Ad-
vogado. Rua Nova do Almada, 59,
1.º andar.

Guerra aos Alfaiates — Ninguem
compre *Fatos* nem *Sobre-tudos* sem pri-
meiro vêr os preços da Alfaiateria Fra-
zão. R. Escola Polytechnica, 65 a 71.

○ SABIO ALCHEMISTA



Silva Souza

Vamos a ver se com estas drogas, consigo o resultado que desejo.